

"Orfeu da Conceição"

Tragédia carioca em 3 atos, de Vinícius de Moraes. Direção de Leo Justi. Cenário de Oscar Niemeyer. Música de Antônio Carlos Jobim. Figurinos de Lila de Moraes. Coreografia de Lina de Luca. Assistente de direção, Sanin Cherques. Participação de Luiz Bonfá ao violão. Orquestra sob a direção de Leo Peracchi. Chefe do coro, Zêzinho. Ritmistas sob a direção de Juca.

NÃO sabemos porque se chamou "Orfeu da Conceição" de tragédia. No sentido grego (ou melhor, teatral) da palavra, a peça de Vinícius de Moraes nada tem de trágico. No popular também não é nenhuma "tragédia" o que se viu no palco do Municipal. Por que chamá-lo assim? Na verdade, Orfeu teve o dom de interessar e conquistar meio mundo, como seu irmão grego no inferno. A lira de Vinícius é altíssima e poderosa. O espetáculo foi chamado de show, tragédia carioca, drama, poema teatralizado, folc-ópera, ballet falado, etc. Para nós, teatralmente, "Orfeu da Conceição" se situa na corrente do teatro poético, que se vem desenvolvendo em nosso meio teatral e da qual fazem parte Agostinho Olavo, José Paulo Moreira da Fonseca, Rosário Fusco, Lúcio Cardoso,

José César Borba, por exemplo.

A poesia e a força emocional que se pode desprender dela interessam, aí, muito mais do que qualquer situação dramática, pelo contrário, quase sempre vive em luta com ela. Acontece, no caso, um desequilíbrio entre o artista e a obra, entre o controle crítico e a inspiração emocional do autor. O que vemos sempre é a poesia sobrando, solta e rainha, rebelde, absoluta, insubmissa no palco. "Orfeu da Conceição" sofre desse desequilíbrio.

Como espetáculo, evidencia-se a quase não existência da direção de Leo Justi, que nos pareceu limitar-se às marcações apenas (algumas, de grande beleza, como a de Orfeu apoiado ao violão que segura nas costas). No fundo, entretanto, ele nem insinua o que pretende fazer, embora, algumas vezes, nos dê uma pista, que, à força de contradições, deixamos de lado. Compreendemos sua dificuldade com os elementos que teve à mão, com as circunstâncias que o rodearam, com as personalidades (talvez mais fortes do que a sua) que teve de lidar. Tudo isso não poderia, de início, aproveitar ao espetáculo, por quem é responsável o diretor.

Se como peça "Orfeu da Conceição" exige soluções difíceis, como realização criou problemas apenas contornados pelo diretor. Um deles, a nosso ver (e o céu se desabarará sobre nós), é o cenário de Oscar Niemeyer, muito bonito, sem dúvida (embora pessoalmente não gostemos daquelas árvores recortadas e da parte central, apoiada numa espécie de pilo-

tis) mas que, ao invés de ajudar a peça, pareceu-nos a toda hora contra ela. A desproporção do telhado do barracão de Orfeu com os atores (que acabam como se tivessem um tabuleiro na cabeça), a grande rampa, à esquerda, baixa, sem utilidade e sentido teatral (pode ser plástico), a parte central, arredondada, demasiadamente baixa (que obriga os atores a se curvarem para passar por ela. Saída de Mira e Aristeu) são alguns dos senões que sentimos no trabalho de Niemeyer. A direção pareceu-nos obedecer o cenário, presa a ele todo o tempo, sem conseguir libertar-se.

(Continua)